

Migrantes em apoio a pautas de extrema direita: apropriações e usos de plataformas digitais¹

Migrants supporting far-right agendas: appropriations and uses of digital platforms

Denise Cogo²

Lucas Arantes Zanetti³

Rafael Alberico Chaves⁴

Gabriel Neves Castro⁵

Resumo: *Esse trabalho analisa as apropriações e usos das plataformas digitais por migrantes residentes no Brasil e brasileiros no exterior para produzir e compartilhar conteúdos alinhados a pautas de extrema direita, visando compreender como suas experiências migratórias e/ou princípios afetivo-morais são invocados para justificar sua adesão a essas pautas. O referencial teórico abrange as relações entre migrações, apropriações e usos das plataformas digitais e extrema direita. A metodologia, de caráter qualitativo, baseia-se na observação e análise temática de conteúdos coletados em 21 perfis de imigrantes ativos no Instagram, TikTok, YouTube, X e Telegram, entre março e novembro de 2025. Os resultados apontam para o engajamento dos migrantes nas plataformas digitais em torno de sete temas defendidos por partidos e movimentos de extrema direita: anticomunismo, religião, gênero e sexualidade, anti-imigração, ultranacionalismo, militarização e armamentismo.*

Palavras-Chave: Migração. Plataformas Digitais. Apropriações. Usos. Extrema direita

Abstract: *This study analyzes the appropriations and uses of digital platforms by migrants residing in Brazil and Brazilians living abroad to produce and share content aligned with far-right agendas, it aims to understand how their migratory experiences and/or affective-moral principles are invoked to justify their adherence to these agendas. The theoretical framework encompasses the relationships between migration, the appropriation and use of digital platforms, and far-right political communication. The qualitative methodology is based on observation and thematic analysis of content collected from 21 profiles of active immigrants on Instagram, TikTok, YouTube, X, and Telegram between March and November 2025. The results indicate migrant engagement on digital platforms around seven themes championed by far-right parties and movements: anti-communism, religion, gender and sexuality, anti-immigration, ultranationalism, militarization and gun rights.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo na ESPM, onde coordena o grupo de pesquisa Deslocar (<https://deslocar.org/>). Pesquisadora Produtividade nível 1C do CNPq. E-mail: denise.cogo@espm.br.

³ Pesquisador de Pós-doutorado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) com bolsa CNPq. Doutor e Mestre em Comunicação e bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Membro do grupo de pesquisa Deslocar (<https://deslocar.org/>). Docente no Centro Universitário Barão de Mauá. Email: lucaszanetti66@gmail.com

⁴ Doutorando no Programa de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, bolsista CAPES Prosup Integral. Docente na FECAP. Membro do grupo de pesquisa Deslocar (<https://deslocar.org/>). Email: rafael.alberico@gmail.com

⁵ Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP. Bolsista CAPES PROSUP taxas. Membro do grupo de pesquisa Deslocar (<https://deslocar.org/>). E-mail: gabriel.castro.98@acad.espm.br.



Keywords: Migration. Digital Platforms. Appropriations. Uses. Far-right.

1. Introdução

As plataformas digitais vêm redefinindo as formas de participação política e os modos de circulação de narrativas sobre migração no debate público contemporâneo. Em diferentes contextos nacionais, movimentos e partidos de extrema direita têm explorado esses ambientes para produzir e ampliar discursos anti-imigração, além de um conjunto mais amplo de pautas: anticomunismo, defesa de valores religiosos e da família tradicional, críticas à chamada "ideologia de gênero" e armamentismo. Essas narrativas constroem-se a partir de estratégias discursivas de cunho emocional, mobilizando sentimentos como raiva, ódio e pânico, e contribuem para a produção de antagonismos morais que estruturam o conflito político como guerra entre campos inconciliáveis.

Nesse cenário, um fenômeno específico tem chamado a atenção: migrantes, grupo frequentemente alvo desses discursos, que produzem e compartilham conteúdos alinhados às pautas de partidos e movimentos de extrema direita nas plataformas digitais. Este alinhamento consiste em participação ativa na produção, tradução e circulação desses conteúdos, ancorados em suas experiências migratórias e identidades transnacionais, como recursos de legitimação discursiva e não ocorre somente em períodos eleitorais.

O caso de Portugal ilustra essa dinâmica. O país que, após os anos 2000, foi referência em políticas migratórias inclusivas, aprovou, em 2025, uma lei que endurece o acesso a vistos, restringe o reagrupamento familiar e limita a procura de trabalho a perfis de alta qualificação, com efeitos diretos para brasileiros, a maior comunidade estrangeira no país⁶. Parte da diáspora brasileira ocupou as redes sociais para reproduzir as narrativas governamentais e defender o endurecimento das regras para novos imigrantes. O Chega, partido de extrema direita que liderou essas mudanças por meio de ataques às comunidades migrantes, conta com brasileiros eleitos em nível local e nacional (ZANETTI; COGO; CAMARGO, 2025).

Nos Estados Unidos, setores do eleitorado latino-americano têm apoiado políticas anti-imigração de Donald Trump, que incluem deportações em massa, detenções e controle rígido de fronteiras. No Brasil, imigrantes venezuelanos participaram ativamente da campanha de reeleição de Bolsonaro em 2022, tanto em manifestações de rua, especialmente em Roraima, na fronteira com a Venezuela quanto em plataformas como Facebook, TikTok, X e YouTube, convocando e registrando mobilizações em prol do candidato da extrema direita

⁶ A Lei dos Estrangeiros portuguesa (Lei n.º 61/2025) está em vigor desde 23 de outubro de 2025.

(COGO; CAMARGO; ALENCAR, 2023). No Chile, venezuelanos manifestaram apoio a José Antonio Kast, candidato de extrema direita que venceu as últimas eleições, embora, durante a campanha eleitoral, Kast tenha responsabilizado publicamente a própria comunidade venezuelana pelo aumento da criminalidade e defendido a implementação do "Escudo Fronterizo", plano que previa a disponibilização de aviões para deportação voluntária de migrantes.

Esses casos mostram que a pauta anti-imigração tem ganhado apoio dos migrantes, mas se trata de uma pauta que se soma a um conjunto de outras mobilizadas por migrantes alinhados à políticas de extrema direita. A própria análise de perfis de migrantes nas plataformas digitais que será desenvolvida neste trabalho revela um repertório mais amplo e complexo, no qual temas como anticomunismo, religião, gênero e sexualidade, ultranacionalismo, militarização e armamentismo e se articulam de formas distintas conforme o contexto migratório. De forma transversal às pautas, estratégias discursivas de apelo emocional, ancoradas nas dimensões de pânico moral e a polarização afetiva, ajudam a construir tais narrativas, legitimadas pela interlocução com as identidades migrantes.

Inscrita nesse cenário, a análise aqui proposta se debruça sobre as apropriações e usos das plataformas digitais por migrantes residentes no Brasil e brasileiros no exterior para produzir e compartilhar conteúdos alinhados à extrema direita. A pesquisa baseia-se na observação e análise temática de conteúdos coletados em 21 perfis ativos no Instagram, TikTok, YouTube, X e Telegram, entre março e novembro de 2025. O objetivo é mapear as principais pautas de extrema direita que mobilizam esses sujeitos e compreender como suas experiências migratórias e princípios afetivo-morais são invocados para justificar sua adesão a essas pautas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, cujos resultados orientarão a próxima etapa do estudo, que incluirá entrevistas em profundidade com ativistas migrantes no Brasil e na Espanha⁷.

A seguir, apresentamos os fundamentos teóricos da pesquisa, detalhamos os procedimentos metodológicos e desenvolvemos a análise dos dados empíricos.

2. Referencial Teórico

⁷ A análise desenvolve-se com base em resultados parciais do projeto "Ativismo migrante em plataformas digitais em apoio a políticas de extrema direita e anti-imigração", desenvolvido pelo grupo de pesquisa Deslocar do PPGCOM ESPM em colaboração com o Instituto de la Comunicación da Universitat Autònoma de Barcelona (InCom-UAB). O projeto é financiado pelo CNPq (processo nº 403377/2024-2) e FAPESP (processo nº 2024/20729-0).

Do ponto de vista teórico, compreender o fenômeno de engajamento de migrantes em pautas de extrema direita exige articular duas dimensões analíticas. Primeiro, a perspectiva dos usos e apropriações de Martín-Barbero (2004), que permite situar as práticas comunicacionais de migrantes como processos ativos de ressignificação, situados, negociados e atravessados por múltiplas referências culturais, políticas e identitárias, assim como conformados pelas próprias dinâmicas sociotécnicas. Segundo, a análise das plataformas digitais como ambientes digitais que não são neutros, mas estruturam, por meio de arquiteturas algorítmicas e regimes de visibilidade, favorecem conteúdos polarizadores, emocionalmente engajadores e moralmente simplificados, modulando afetos, hierarquizando narrativas e moldando as possibilidades da ação político-comunicacional. No contexto das plataformas, os repertórios da extrema direita são compreendidos como conjunto de temas, estratégias e gramáticas atravessados pelas dimensões da polarização afetiva e do pânico moral que, ao organizarem a comunicação política contemporânea, são mobilizados, negociados e ressignificados por migrantes em contextos transnacionais (ZANETTI; COGO; CAMARGO, 2025).

2.1 Usos e apropriações da comunicação no contexto das plataformas digitais

As tecnologias digitais não são elementos exteriores à cultura, senão constituídos por ela nas práticas de significação, conforme destacam Escosteguy e Carrijo (2024) ao proporem uma interlocução entre a perspectiva dos algoritmos e da cultura digital com os estudos culturais latino-americanos. As autoras sustentam que a ênfase predominante na dimensão técnica e material dos algoritmos — compreendidos como sistemas automatizados de classificação, ordenação e recomendação, tende a obscurecer suas mediações culturais, sociais e históricas. Nessa perspectiva, defendem a análise dos algoritmos como artefatos sociotécnicos, cujos efeitos não são automáticos nem universais, mas dependem das práticas sociais, das condições de acesso, das desigualdades estruturais e dos contextos culturais nos quais operam. (ESCOSTEGUY; CARRIJO, 2024).

Escosteguy e Carrijo (2024) enxergam como produtiva a perspectiva das mediações culturais desenvolvida por Martín-Barbero (2004) para pensar os algoritmos não como instâncias deterministas, mas como parte de processos mais amplos de produção de sentidos, atravessados por lógicas econômicas, políticas e culturais. As mediações culturais possibilitam o deslocamento de leituras tecnodeterministas que atribuem aos algoritmos um poder explicativo isolado, descolado das práticas dos sujeitos e das dinâmicas sociais. As



autoras argumentam, ainda, que conceitos e agendas de pesquisa relevantes precisam ser reapropriadas e tensionadas a partir das realidades locais latino-americanas marcadas por desigualdades profundas, informalidade, precarização do trabalho digital e assimetrias no acesso às tecnologias.

Bonini e Tereré (2024) se alinham a essa perspectiva ao desenvolverem, em diálogo com De Certeau (1994), a noção de resistência algorítmica para analisar o conjunto de práticas, táticas e imaginações políticas por meio das quais usuários, coletivos e movimentos sociais podem reconhecer, contestar, contornar ou reapropriar as dinâmicas algorítmicas das plataformas digitais, mesmo em contextos marcados por profundas assimetrias. Na visão dos autores, essas práticas não operam apenas para “driblar” tecnicamente as lógicas algorítmicas, mas politizam sua existência na medida em que compreendem os algoritmos como um ator sociotécnico que organiza a visibilidade, a circulação de conteúdos, afetos e formas de engajamento.

Orientados por essas reflexões, assumimos a perspectiva latino-americana das apropriações e dos usos da comunicação como eixo central para a compreensão das dinâmicas comunicacionais de migrantes nas plataformas digitais em apoio a pautas de extrema direita. A noção de apropriação enfatiza o caráter ativo dos sujeitos migrantes diante dos dispositivos tecnocomunicacionais como no caso das plataformas digitais. A partir da visão de Martín-Barbero (2004), entendemos, ainda, que a multiplicidade de modos de apropriação das tecnologias digitais é marcada pela capacidade de agência e produção de sentidos dos migrantes, ainda que frequentemente condicionada por restrições tecnológicas e pela desigualdade econômica e social ou mesmo exclusões que demarcam seu acesso (BRIGNOL, 2018).

A noção de usos remete, por sua vez, às finalidades concretas e socialmente situadas atribuídas às práticas comunicacionais. No contexto das plataformas digitais, esses usos podem assumir dimensões mais instrumentais, como o acesso à informação e a prestação de serviços; expressivas e identitárias, ligadas à construção de narrativas de si e de pertencimento; políticas, associadas à mobilização, à participação e à produção de contradiscursos; ou, ainda, econômicas, vinculadas aos próprios processos de plataformização do trabalho. A diversidade dos usos evidencia que a comunicação se articula, de maneira indissociável, às condições materiais de existência, às trajetórias sociais e às desigualdades estruturais vivenciadas por diferentes segmentos sociais, como os grupos migratórios. Os usos que fazem os migrantes das plataformas digitais analisados nesse trabalho estão relacionados



à participação e mobilização políticas para as quais concorrem perspectivas identitárias e de pertencimento.

Embora as plataformas digitais ampliem possibilidades de expressão, visibilidade e participação, seus modelos de negócio, arquiteturas técnicas e regimes algorítmicos impõem também limites que orientam e condicionam as apropriações e usos feitos por setores sociais, como é o caso dos migrantes. Assim, em distintos espaços digitais, essas apropriações e usos são marcados por ambivalências e assimetrias de poder que podem tanto fortalecer formas de agência, organização coletiva e circulação de narrativas alternativas, como também instaurar ou reforçar processos de mercantilização da comunicação, instrumentalização política, assim como dispositivos de controle e vigilância.

Na compreensão sobre agência algorítmica, Bonini e Treré (2024) também destacam o fato dos usuários não disporem de condições materiais equivalentes para agir sobre as plataformas. A agência dos usuários é demarcada pelo acesso desigual à informação, ao tempo, a recursos econômicos e a competências técnicas específicas, produzindo assimetrias relevantes. Essas desigualdades tornam evidente a distinção entre intervenções conduzidas por atores institucionais, como Estados e corporações, e aquelas realizadas por indivíduos e grupos subalternizados.

A análise das apropriações e dos usos das tecnologias permite, portanto, compreender as dinâmicas de comunicação instauradas pelos migrantes nas plataformas digitais como um campo de disputa simbólica, no qual sentidos são continuamente produzidos, negociados e reconfigurados, conforme sugerem os estudos de comunicação latino-americanos.

2.2 Plataformas digitais e comunicação política da extrema direita

A expansão das plataformas digitais na vida cotidiana tem reconfigurado profundamente as formas de participação política, os processos de produção de sentido e a construção de pertencimentos e subjetividades. Miskolci (2021) desenvolveu o conceito de esfera pública tecno-midiatizada para caracterizar essa ambiência, que também é entendida como uma condição estruturante do debate público e da política contemporânea. O autor argumenta que as plataformas digitais intensificam dinâmicas de polarização e disputa simbólica já presentes na comunicação de massa, e destaca uma série de transformações operadas pelas lógicas impostas pelas plataformas nas condições de visibilidade do debate público.

A ambiência da esfera pública tecno-midiatizada é caracterizada pela centralidade dos afetos, das imagens e da performance estética, o que desloca o debate político do campo argumentativo para arenas orientadas pela mobilização emocional. A consequência desse fenômeno, para o autor, é o enfraquecimento da autoridade simbólica de instituições e profissionais historicamente associados à mediação e à validação do conhecimento (MILSKOLCI, 2021).

A plataformização também transformou a comunicação política, em especial os repertórios e estratégias da extrema direita, construindo formas específicas de produção de sentido, sustentadas pela mobilização de emoções, construção de antagonismos e moralização do conflito político (DEMURU, 2024). Mais do que veicular posições ideológicas, essas práticas organizam percepções de ameaça, pertencimento e ordem social, orientando formas de engajamento político marcadas por disputas morais (DEMURU, 2024).

A centralidade das emoções na comunicação política contemporânea tem sido amplamente discutida por autores que destacam seu papel na organização dos significados políticos. Renström et al. (2023) e Versteegen (2022) argumentam que as divisões políticas contemporâneas são menos marcadas por desacordos ideológicos programáticos e mais por antagonismos afetivos, nos quais o “outro político” é construído como uma ameaça moral e existencial. Essa lógica intensifica a produção de fronteiras simbólicas rígidas, dificultando formas de reconhecimento mútuo e negociação política.

No campo da extrema direita, essas gramáticas afetivas sustentam processos de polarização que ultrapassam divergências programáticas e se configuram como antagonismos morais, nos quais o “outro político” é construído como ameaça existencial. Maldonado (2018) e Homolar e Löfflmann (2021) demonstram como emoções associadas à perda, à decadência e à nostalgia são mobilizadas para produzir a sensação de ameaça sobre um passado idealizado, frequentemente acionado na retórica populista de direita, o que contribui para a produção e consolidação de disputas identitárias ancoradas em fronteiras morais que separam “nós” e “eles”.

Nesse ecossistema comunicacional, práticas baseadas na checagem de fatos, na produção de evidências e na mediação institucional tendem a perder espaço diante de conteúdos regidos pela rapidez da circulação, simplificação discursiva e engajamento afetivo. Estratégias ancoradas na disseminação de desinformação e na ativação de pânico moral encontram condições favoráveis de circulação, sobretudo quando articuladas às lógicas da economia da atenção que estruturam o funcionamento das plataformas digitais (ZANETTI;



COGO; CAMARGO, 2025). A visibilidade política passa, assim, a ser moldada pela capacidade de gerar reações e circulação ampliada, o que tensiona o potencial democrático da comunicação digital em um cenário dominado por modelos de negócio privados e pouco regulados das Big Techs (MISKOLCI, 2021).

As plataformas digitais, enquanto produtos das chamadas Big Techs (MOROZOV, 2018), configuram ecossistemas comunicacionais nos quais afetos e disputas morais são continuamente produzidos e amplificados, em consonância com lógicas algorítmicas que favorecem conteúdos polarizadores e emocionalmente engajadores (CUNHA, 2022). Esses dispositivos sociotécnicos e econômicos determinam os modos de circulação do debate público, estimulando narrativas de conflito, urgência e ameaça.

Nesse contexto, estratégias comunicacionais da extrema direita recorrem com frequência à personalização das mensagens e ao uso de conteúdos negativos, como demonstram Hípola e Castaños (2021) ao analisarem campanhas do partido VOX, na Espanha. A personalização discursiva, aliada à ativação de emoções negativas, amplia a capacidade de identificação afetiva e reforça alinhamentos políticos pré-existentes, produzindo radicalização.

Em contextos migratórios, essas dinâmicas adquirem camadas particulares. Migrantes tornam-se frequentemente pontos de condensação de narrativas polarizadas, sendo enquadrados como ameaças simultâneas aos países de origem e de residência. Como discutido por Saresma & Tulonen (2022), esse enquadramento produz antagonismos híbridos, nos quais experiências transnacionais são mobilizadas para aprofundar divisões emocionais e morais em múltiplas escalas.

A circulação transnacional dessas narrativas é favorecida pela arquitetura de engajamento das plataformas digitais, o que permite que alarmes morais produzidos em contextos nacionais específicos ganhem visibilidade e sejam ressignificados e apropriados em outros cenários sociopolíticos. É nesse quadro que a noção de pânico moral se consolida como ferramenta analítica central. Desde a formulação clássica de Cohen (2011 [1972]), o pânico moral descreve processos nos quais determinados grupos, práticas ou comportamentos passam a ser apresentados como ameaças à ordem social, por meio de representações simplificadas e amplificadas midiaticamente. Garland (2019) amplia essa abordagem ao compreender o pânico moral como um mecanismo recorrente de regulação moral, articulado a contextos históricos, políticos e midiáticos específicos, no qual ansiedades sociais difusas são condensadas em figuras simbólicas de ameaça.

No ambiente digital contemporâneo, o pânico moral tende a se fortalecer e assumir a dimensão de regime comunicacional. Hier (2018) destaca que a lógica algorítmica das plataformas favorece o engajamento de narrativas de crise e urgência, enquanto Walsh (2020) observa que a recorrência desses enquadramentos contribui para a normalização de estados permanentes de alarme moral. A extrema direita explora esse ambiente ao construir narrativas que associam temas como imigração, gênero, sexualidade, religião e esquerda política a ameaças à ordem moral e cultural, como analisado por Marín-Albaladejo (2023).

Essas estratégias, por sua vez, são reforçadas por práticas de simplificação discursiva. O uso de memes, quadros binários, rumores e conteúdos desinformativos transforma questões complexas em narrativas de fácil assimilação, carregadas de apelo emocional (FRASTIKOVA; DEMCISAK, 2020). A linguagem moralizante estrutura esse fenômeno, uma vez que estabelece distinções rígidas entre “nós” e “eles”, reforçando identidades coletivas e antagonismos afetivos (DUFF, 2022).

Para migrantes alinhados à extrema direita, a adesão a essas narrativas pode funcionar como mecanismo de reancoragem identitária em contextos marcados pelo deslocamento e pela ambivalência do pertencimento. A incorporação de discursos de pânico moral permite aos migrantes negociarem identidades entre os países de origem e residência, ao mesmo tempo em que reforça fronteiras morais que organizam, entre os grupos migratórios, lealdades políticas e afetivas em escalas nacionais e transnacionais (ZANETTI; COGO; CAMARGO, 2025).

3. Metodologia

A pesquisa da qual resulta esse artigo adota uma abordagem qualitativa, baseada na observação sistemática e na análise temática de conteúdos de extrema direita produzidos e compartilhados por perfis ativos de imigrantes nas plataformas digitais no período entre março e novembro de 2025. O corpus empírico é composto por 17 perfis de migrantes brasileiros residentes no exterior e 4 perfis de migrantes estrangeiros residentes no Brasil, provenientes de Cuba, Venezuela e Alemanha. A seleção dos perfis baseou-se na circulação recorrente de conteúdos alinhados a pautas da extrema direita contemporânea, entre as quais se destacam anticomunismo, religião, gênero e sexualidade, anti-imigração, ultranacionalismo, militarização, armamentismo. Essas pautas orientaram a delimitação inicial do corpus e a organização preliminar dos dados.

A coleta foi realizada por meio de um processo de imersão prolongada em ambientes online por uma equipe de 10 pesquisadores, com atenção às dinâmicas de interação, circulação de conteúdos e construção de sentidos nas plataformas. Foram acompanhadas atividades de perfis de imigrantes nas plataformas X, Instagram, Facebook, YouTube e TikTok, a partir da observação contínua de postagens públicas compostas por texto, imagens, vídeos, transmissões e compartilhamentos. A identificação dos perfis e conteúdos ocorreu por navegação direta nas plataformas, observação de conexões recorrentes entre usuários e busca por hashtags associadas às pautas analisadas. Todo o processo foi conduzido de forma orgânica, sem o uso de ferramentas automatizadas de coleta.

O material empírico foi organizado e sistematizado com o apoio do software Atlas.ti, utilizado como ferramenta auxiliar na codificação e na organização dos dados qualitativos. A análise foi conduzida por meio da Análise Temática (AT), conforme proposta por Braun e Clarke (2023) e Escudero (2020), na qual os temas são compreendidos como construções analíticas que organizam padrões de sentido no corpus de conteúdos coletados, em articulação com os objetivos da pesquisa e o referencial teórico.

O processo analítico envolveu a leitura reiterada do material, a produção de códigos analíticos e a reorganização progressiva do corpus. A delimitação dos temas ocorreu em diálogo com o referencial teórico do estudo. Essa arquitetura analítica fundamenta a apresentação e a discussão dos resultados, permitindo compreender como temas, estratégias discursivas e regimes afetivo-morais se articulam na produção de engajamento político entre migrantes em ecossistemas digitais mediados por plataformas.

No processo de coleta de dados, todos os procedimentos foram conduzidos em conformidade com as diretrizes éticas para pesquisa em ambientes digitais estabelecidas pela Association of Internet Researchers (2025), bem como com as recomendações reunidas por Fernandes (2024) para as Ciências Humanas. Considerando tratar-se de um campo temático politicamente sensível e potencialmente hostil à investigação acadêmica, foram adotadas medidas de mitigação de riscos orientadas pelos princípios de proteção, responsabilidade e minimização de danos⁸.

Os perfis analisados foram integralmente anonimizados para evitar qualquer forma de identificação direta ou indireta e prevenir a amplificação da visibilidade de atores e conteúdos extremistas. A coleta concentrou-se exclusivamente em materiais de acesso público, de

⁸ O projeto de pesquisa encontra-se, atualmente, em análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ESPM visando à realização das entrevistas com migrantes.

acordo com as recomendações da AoIR relativas à proteção de dados e à redução de riscos para participantes.

Para resguardar a segurança da equipe de pesquisa, optou-se pela criação de perfis institucionais específicos para navegação e acompanhamento das dinâmicas nas plataformas digitais, sem o uso de contas pessoais. O guia ético da AoIR (2025) reconhece que, em investigações envolvendo populações potencialmente hostis, a adoção de estratégias de autoproteção, inclusive a não identificação direta do pesquisador, pode ser metodologicamente necessária para prevenir assédio, exposição indevida ou práticas como o *doxxing*⁹.

4. Resultados da análise

A análise do corpus contempla sete temas relacionados às pautas de extrema direita que foram mais recorrentes ao longo do monitoramento das publicações dos migrantes: anticomunismo, religião, gênero e sexualidade, anti-imigração, ultranacionalismo, militarização e armamentismo¹⁰. Na interpretação desses temas,, buscamos apreender simultaneamente os regimes afetivos e morais que sustentam sua circulação, e suas relações, quando pertinente, com as experiências migratórias e as estratégias de comunicação política da extrema direita.

4.1 Anticomunismo

O anticomunismo, tema com maior recorrência nos conteúdos coletados (399 ocorrências), opera como narrativa totalizante e organiza percepções de crise institucional, colapso econômico e perda de liberdade, projetando um horizonte distópico associado à Cuba, Venezuela ou China, países reconhecidos como comunistas. Trata-se de um repertório que converte a esquerda em ameaça civilizacional e se articula com afetos como o medo e a indignação, conforme já contemplados na discussão teórica anterior sobre gramáticas afetivas e antagonismo moral (DEMURU, 2024). As publicações a seguir ilustram essa perspectiva:

Olhe para Cuba, Venezuela (...) regimes que prometem igualdade, mas que, (...) entregam fila pelo pão, controle do pensamento e prisão em vez de liberdade. (Perfil 6, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

⁹ Exposição não autorizada de informações pessoais identificáveis de um indivíduo, como endereço, telefone, data de nascimento ou número de identificação com o objetivo de intimidar ou causar danos.

¹⁰ O negacionismo científico foi também um tema de engajamento entre os perfis monitorados, mas o menos recorrente entre os oito temas mapeados. Por limitações de espaço, não foi incluído na análise desenvolvida nesse artigo.

Eu não vou nem começar a falar aqui dessa censura (...) no Brasil. Falavam tanto de censura (...) e agora Brasil tendo que trazer galera da China para controlar as redes sociais. (Perfil 13, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

No que se refere especificamente a perfis de brasileiros no exterior, a dimensão transnacional emerge quando migrantes mobilizam a experiência em outros países como base para convocação política:

Esse governo (...) quer que o Brasil vire uma (...) Venezuela. (...) nós brasileiros que estamos aqui fora (...) temos que lutar contra esse desgoverno (...) lutar pela liberdade (...) das nossas famílias, (...) da nossa nação. (Perfil 7, Facebook, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

O exemplo combina: (a) ameaça geopolítica, (b) ativação diaspórica e (c) enquadramento moral (“liberdade”, “famílias”, “nação”). A migração é convertida em posição de enunciação legítima para “salvar” o país, reforçando o caráter transnacional da circulação discursiva.

O anticomunismo ganha maior densidade quando sustentado por testemunho biográfico de um migrante sobre a violência sofrida em um país governado pelo comunismo, operando, nessa perspectiva, como prova moral.

Vivi a experiência de quase ser morto (...) pelos coletivos chavistas (...) quebraram minha cara com correntes (...) meu pai falou: ‘Você vai fora da universidade amanhã’. (Perfil 8, YouTube, migrante venezuelano no Brasil)

Falar para (...) que eles conheçam o que é o socialismo, (...) a realidade da Venezuela, que eles saibam que a Venezuela foi um país muito rico, mas que pelo socialismo, hoje é um país muito pobre e que nós tivemos que sair fugindo de lá, porque não tínhamos nem o que comer. (Perfil 4, Instagram, migrante venezuelano no Brasil)

A memória corporaliza a ameaça e intensifica o medo, consolidando a Venezuela como “espelho distópico”. O testemunho também opera como mecanismo de autoridade: “eu vivi” e credencial para interpretar o Brasil, orientar e manter ativa a mobilização.

4.2 Religião

A religião, como 340 ocorrências nos conteúdos coletados, estrutura-se em torno de uma visão teopolítica, na qual a política é interpretada como guerra espiritual. A produção de sentido se ancora na moralização do conflito e na legitimação normativa de posições sobre Estado, família e educação. O padrão se articula com a literatura sobre afetos e narrativas de humilhação e cruzada moral no radicalismo à direita (HOMOLAR; LÖFFLMANN, 2021). A espiritualização do conflito aparece como imperativo direto e performativo, conforme exemplificam as publicações a seguir :

Ore pelo Brasil, declare a queda desse governo comunista maligno (...) sustentado por um supremo judiciário corrupto (...) faça com que a sua voz reverbere (...)

como um grito de socorro ao Deus Eterno. (Perfil 5, Facebook, brasileiro no exterior – Alemanha)

Os cristãos estão sendo perseguidos (...) o cristianismo é um elemento que derruba (...) esses intuitos coletivistas e identitaristas, veja que o apóstolo Paulo sobre a égide do direito romano já dizia que em Gálatas (...) ‘não há o homem nem mulher, escravo nem livre, judeu nem grego, todos são um em Cristo Jesus’. Então essa mudança que acaba com toda divisão coletivista, ela é um horror para o comunismo com seus vieses identitaristas. (Perfil 12, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Os conteúdos publicados combinam oração, demonização política (“maligno”) e deslegitimação institucional (“corrupto”), mobilizando medo e indignação. A religião opera como sentido de ordenamento moral, reforçando, novamente, a polarização afetiva e o pânico moral.

Em outro registro, a religião fundamenta uma leitura socioeconômica conservadora e naturaliza um modelo de sociedade. A fé aparece como base de legitimação da ordem social e política, estabelecendo um vínculo entre moral religiosa e organização econômica, segundo ilustram os seguintes conteúdos coletados:

A Bíblia defende a propriedade privada (...) países que usaram a Bíblia para estabelecer sua constituição (...) são os países mais desenvolvidos. (Perfil 4, Instagram, migrante venezuelano no Brasil)

(...) a igreja de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é (...) o ambiente que torna a verdadeira democracia viável, a pluralidade de ideias, a tolerância possível. Os países de matriz cristã são, (...) os únicos países (...) em que você pode ter essas passeatas LGBTs. Nenhum outro país, seja de matriz islâmica ou mesmo comunista, como a Rússia, (...), você tem a possibilidade de tamanha liberdade(...) pluralidade, (...) diversidade. A própria universidade(...) surgiu como uma instituição de matriz cristã. (Perfil 12, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Esse padrão reforça a ideia de uma intersecção crescente entre religião e Estado no Brasil, marcada pela presença ativa de lideranças e instituições religiosas, especialmente evangélicas, mas também católicas, na política institucional, bem como pela expansão de pautas morais na esfera pública técnico-midiatizada, na qual disputas políticas tendem a ser reconfiguradas como embates de ordem moral (MISKOLCI, 2021). A religião fornece, assim, linguagem normativa e transcendentalização do conflito, intensificando o teor moralizante dos conteúdos difundidos e reforçando dimensões de polarização afetiva e pânico moral.

4.3 Gênero e sexualidade

O tema, com 139 ocorrências nos conteúdos dos perfis mapeados, articula disputas morais sobre corpo, sexualidade, papéis sociais e educação, com centralidade na perspectiva da “proteção” da infância e da família. Trata-se de uma pauta que dialoga com reflexões que



identificam gênero e sexualidade como objetos privilegiados de pânico moral e vigilância cultural em agendas radical-direitistas (MARÍN-ALBALADEJO, 2023). A construção da infância e juventude como alvos de ameaça se constrói como narrativa de disciplinamento sexual, segundo evidenciam as postagens a seguir:

Começam (...) beijos (...) e onde acaba? Na cama (...) antes do matrimônio (...) é o que o diabo está usando para desviar a juventude (...) não é permitido. (Perfil 4, TikTok, migrante venezuelano no Brasil)

As crianças estão sendo (...) escolhidas como ‘alvo’, confundidas, manipuladas e socialmente programadas para aceitar o transumanismo. (Perfil 11, Instagram, brasileiro no exterior – Inglaterra)

As publicações anteriores exemplificam a estruturação de uma sequência de “escalada” moral, produzindo ansiedade e urgência, outro mecanismo típico de pânico moral. A vigilância do corpo feminino aparece vinculada, ainda, à própria decadência moral imposta pelo ambiente digital e à economia da visibilidade. Essa retórica reforça fronteiras morais e estabiliza pertencimentos conservadores e religiosos, conforme aparece sintetizado nas publicações a seguir:

Você não precisa mostrar seu corpo (...) a Bíblia fala que (...) as mulheres têm que se vestir modestamente (...). O que acontece é que cada vez coloca menos roupa e depois tem plataformas onde as mulheres, para ganhar dinheiro, se mostram com pouca roupa. (Perfil 4, Instagram, migrante venezuelano no Brasil)

Esse feminismo não dá nada pra ninguém, ele tira tudo o que você tem. (Perfil 6, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Nessa perspectiva, a reflexão de Miskolci (2021) aponta que gênero e sexualidade se converteram em eixo de uma guerra cultural que tem contribuído para articular atores religiosos e agendas conservadoras de forma a favorecer a mobilização política associada à ascensão recente da extrema direita no Brasil. Gênero e sexualidade, alçados a inimigos morais, operam, assim, como foco de vigilância moral e como gatilho de pânico, atravessados pela polarização afetiva, materializada em “progressismo” e “esquerda”,

4.4 Anti-imigração

A temática anti-imigração, com um total 69 ocorrências entre os conteúdos coletados, reúne narrativas em que a migração emerge como ameaça, desordem e necessidade de controle, definindo fronteiras morais entre migrantes “legítimos” e “ilegítimos”. Em ambientes digitais, esse enquadramento tende a se intensificar através da circulação transnacional de alarmes morais (WALSH; HILL, 2023), especialmente sobre a presença de determinados grupos migratórios racializados, como, por exemplo, os muçulmanos.

A narrativa de ameaça assume especificidades internas às próprias diásporas, nas quais imigrantes de uma mesma nacionalidade, mais antigos, mobilizam discursos excludentes para distinguir-se daqueles recém-chegados e, com isso, ratificar políticas migratórias restritivas. Essa narrativa transforma a experiência migratória em credencial moral que legitima projetos nacionalistas de controle de fronteiras, reforçando hierarquias entre migrantes. Esse padrão aparece com frequência em narrativas sobre abuso de benefícios, parasitismo social e necessidade de filtros rígidos para a entrada e permanência de migrantes:

Imigrantes vêm não para somar, mas somente para obter vantagens do governo. Pedem benefícios, nunca trabalharam, nunca pagaram impostos (...). (Perfil 1, Instagram, brasileiro no exterior – Inglaterra)

Árabes sarracenos ameaçando um suíço com um sinalizador de obra. Quando os suíços começaram a repreender essa etnia serão acusados de xenofobia. (Perfil 5, Facebook, brasileiro no exterior – Alemanha)

Depois da pandemia, começou a chegar, aos milhares, pessoal de Bangladesh, Nepal, Índia (...) que não tem identificação cultural com o Ocidente. Estamos tendo muitos casos de violação. (...) É um pessoal que, ao que parece, não pode ver mulher. (Perfil 15, Instagram, brasileiro no exterior – Portugal)

As publicações exemplificam a produção de uma moralização do pertencimento (“somar” x “obter vantagens”), convertendo desigualdade e política social em julgamento ético. Esse tipo de narrativa alimenta pânico moral (colapso, ameaça) e intensifica polarização afetiva (nós produtivos versus eles oportunistas). A mesma lógica aparece em descrições de “portas escancaradas” e “colapso administrativo”, e “suspeita de criminalidade”, como na publicação a seguir

As portas escancaradas permitiram a entrada sem controle (...) não exigiu atestado criminal (...) permitiu a entrada de criminosos (...) ninguém sabe quantos são. (Perfil 2, Instagram, brasileiro no exterior – Portugal)

A retórica do descontrole reforça o imaginário de crise econômica e política, conectando anti-imigração a pânico moral e à pauta do antiglobalismo.

4.5 Ultranacionalismo

O ultranacionalismo, com um total 56 ocorrências entre as postagens coletadas, evoca orgulho, dever e sacralização da pátria através de um patriotismo performativo que inclui bandeira, atos e manifestações, além de contemplar a “voz dos patriotas”. A nação é tratada como entidade moral ameaçada por inimigos internos, intensificando a polarização afetiva, conforme ilustram as postagens a seguir:

Alexandre de Moraes está tentando criminalizar tudo, de festa da Selma à acampamento em quartéis. Conheço muita gente que esteve nas manifestações em

frente aos quartéis em outros estados, pessoas honradas, patriotas, e não tem ninguém golpista nesses grupos. (Perfil 3, Twitter, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Tende a ser patriota, porque o brasileiro tem que entender que agora é a hora de lutar pela nossa pátria. Não deixe o ladrão entrar ou bater à sua casa para depois você contar com os outros, perguntando como é que o ladrão entrou. (Perfil 6, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

O ultranacionalismo oferece um repertório simbólico de pertencimento e reforça antagonismos morais, atuando como operador identitário em contextos migratórios. Assim, ele se manifesta também como experiência diaspórica, observada nas publicações de brasileiros no exterior, e evidenciando que o pertencimento pode assumir também uma dimensão transnacional, segundo exemplificam as publicações que seguem:

Vamos levantar juntos a voz dos patriotas brasileiros na Alemanha! (Perfil 19, Facebook, brasileiro no exterior – Alemanha)

Entre 2014 e 2018, a leva que vinha era de pessoas que queriam vir para Portugal porque gostavam de Portugal. O que eu percebo hoje (...) é que a leva que começou a vir (...) não quer saber de Portugal para nada. (Perfil 15, Instagram, brasileiro no exterior – Portugal)

As publicações sugerem, ainda, a produção de uma comunidade política no exterior, reforçando a lógica do “povo verdadeiro”, na qual as discordâncias tendem a ser lidas como traição. Nesse quadro, o ultranacionalismo, também atravessado pela dimensão do pânico moral, se articula ao anticomunismo que precisa ser superado para a sobrevivência da nação.

4.6 Militarização e armamentismo

A militarização e o armamentismo, que somam 36 ocorrências nos conteúdos levantados, aparecem como um sentido de ordem e de autodefesa, valorizando a força e a disciplina como garantias de liberdade. Esse repertório articula-se à política do medo e reforça o deslocamento do conflito para o registro securitário, conforme se observa nos exemplos de publicações a seguir:

Promover a segunda emenda da constituição, o direito à autodefesa, manuseio e operação segura de armas de fogo, e instruir pessoas como atirar, é uma das minhas maiores realizações. Poder ver os meus estudantes saindo do estande confiantes de que eles podem operar uma arma com segurança e ir embora com um enorme sorriso na face porque eles se divertiram, é extremamente gratificante para mim. (Perfil 18, Facebook, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Qual a solução da segurança pública do Rio de Janeiro? (...) pra mim é morte (...) com todo respeito a todas as autoridades desse país, mas infelizmente a gente toma ciência de juiz safado, de promotor safado (...) tem que começar a fazer uma limpeza na justiça desse país, depois na política. (Perfil 7, Facebook, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

Um dos perfis que advoga a pauta armamentista constrói uma narrativa que moraliza a arma como objeto supostamente “neutro”, deslocando a questão da legitimidade para o indivíduo e para sua conduta, e não para as implicações sociais e políticas da circulação de armamentos.

Perigoso não é a arma, e sim quem está segurando ela! (Perfil 9, Instagram, brasileiro no exterior – Estados Unidos)

As publicações sobre esse tema sugerem, ainda, o deslocamento do debate sobre regulação coletiva das políticas armamentista para a responsabilização individual sobre seu uso, reforçando uma ética de autodefesa, materializada em insegurança generalizada frente a inimigos e ameaças internos. Nessa perspectiva, o armamentismo e a militarização operam como resposta moral à situação de crise percebida pelos migrantes, ancorando-se no medo e na urgência e reforçando a legitimação de soluções duras para problemas sociais e políticos.

4.7 Antiglobalismo

O antiglobalismo, que soma 35 ocorrências no conjunto dos conteúdos coletados, pode ser evidenciado em conteúdos que apontam para a desconfiança em relação a elites transnacionais, agendas cosmopolitas e organismos internacionais, reunindo diversas ameaças em uma narrativa unificada. Esse padrão favorece explicações conspiratórias e reforça a percepção de existência de um cerco instaurado por um mesmo inimigo “difuso”. A condensação temática aparece em publicações de diferentes perfis, como as relacionadas a seguir.

A classe média (...) rejeita wokeismo, fronteiras abertas, invasão imigratória, imposição de vacinas e censura. (Perfil 3, Twitter, brasileiro no exterior, Estados Unidos)

No Brasil, o sistema impediu o principal líder da oposição de concorrer à Presidência. Na Romênia, fizeram o mesmo. Na França, seguiram o mesmo roteiro. (...) Um padrão claro: quando a escolha do povo ameaça o sistema, o sistema reage. Isso não é democracia. É controle das elites disfarçado de justiça. (Perfil 19, Instagram, migrante alemão no Brasil)

Trata-se de mecanismo narrativo típico de pânico moral: a realidade é lida como ataque coordenado, o que intensifica medo e indignação, facilitando sua circulação e busca de engajamento nas plataformas digitais. Nessa perspectiva, o antiglobalismo funciona como narrativa integradora de ameaças, conectando anti-imigração e negacionismos, e reforçando o regime de crise permanente.

5. Considerações Finais

Este estudo mapeou as apropriações e usos de plataformas digitais por migrantes brasileiros no exterior e estrangeiros no Brasil em apoio a pautas de extrema direita. A relevância do estudo se inscreve em um contexto de ascensão global da extrema direita e instrumentalização da migração tanto como ameaça quanto como legitimadora de narrativas e agendas extremistas. Além disso, no cenário de crescente digitalização da política, o estudo oferece pistas interpretativas sobre a intrincada rede de identidades que marca as migrações contemporâneas, considerando que os migrantes não figuram apenas como destinatários de discursos, mas também como agentes que produzem conteúdos politicamente engajados.

Os perfis observados mostram, ainda, que os migrantes mobilizam experiências migratórias, identidades transnacionais e percepções sobre pertencimento e exclusão de forma a legitimar ou rechaçar narrativas políticas. Essa agência comunicacional desafia visões simplificadoras e exige análises mais cuidadosas, especialmente para a compreensão do fenômeno do crescimento de agendas anti-imigração que vêm contando também com a adesão crescente e a mobilização de migrantes nos ambientes das plataformas digitais.

Uma questão evidenciada pela análise foi a centralidade assumida, nos perfis investigados, pela pauta do anticomunismo que tem operado como eixo articulador da comunicação política em distintos contextos nacionais de ascensão de partidos e movimentos de extrema direita, estruturando narrativas de ameaça, polarização e mobilização identitária. Outra perspectiva relevante foi a distinção entre repertórios temáticos de estrangeiros no Brasil e brasileiros no exterior. Estrangeiros residentes no Brasil mobilizam predominantemente temas religiosos e anticomunistas, como a defesa da família tradicional, combate ao "marxismo cultural", valorização de símbolos cristãos e a ideia de guerra espiritual. Já brasileiros no exterior, especialmente nos Estados Unidos e Portugal, enfatizam pautas anti-imigração, securitização de fronteiras e críticas a políticas de acolhimento dos migrantes. Essa diferença indica como contextos nacionais e posições ocupadas pelos migrantes condicionam os enquadramentos discursivos produzidos e compartilhados através de arquiteturas transnacionais das plataformas digitais.

De modo mais amplo, os temas/pautas que mais mobilizam os migrantes dos perfis mapeados pela pesquisa ancoram-se em narrativas de ameaça, perda e restauração: anticomunismo, religião, crítica ao feminismo e à chamada "ideologia de gênero" e securitização de fronteiras. Essas pautas engajam os migrantes por meio da polarização emocional, construindo inimigos claros, dramatizando ameaças, acionando medo, raiva, nojo; e do pânico moral, que transforma questões complexas em crises urgentes e simplificadas.

Memes, montagens, vídeos curtos e legendas inflamadas amplificam o impacto afetivo e facilitam a circulação viral.

A análise reafirmou, ainda, que as relações de mediação, produção, adaptação e circulação de conteúdos por migrantes, é complexa e submetida às lógicas das plataformas que, em última instância, moldam e ajudam a definir as relações políticas contemporâneas.

Referências

- BONINI, Tiziano; TRERÉ, Emiliano. **Algorithms of resistance: the everyday fight against platform power**. Cambridge, MA; London: The MIT Press, 2024.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Toward good practice in thematic analysis: Avoiding common problems and be (com) ing a knowing researcher. **International journal of transgender health**, v. 24, n. 1, p. 1-6, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3MKbLvY>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- BRIGNOL, Liliane. D. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, v. 43, p. 119-134, 2018. DOI: 10.19132/1807-8583201843.119-134.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- COGO, Denise; CAMARGO, Julia; ALENCAR, Amanda. O Brasil vai virar uma Venezuela: migração, mídias digitais e eleições brasileiras. In: **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2023.
- COGO, Denise; ZANETTI, Lucas. Por que imigrantes apoiam políticas anti-imigração? **Latinoamérica** 21, 12 dez. 2025. Disponível em: <https://bit.ly/4tMQ13f>. Acesso em: 21 fev. 2025.
- COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: the creation of the Mods and Rockers**. 3. ed. London: Routledge, 2011. Originalmente publicado em 1972.
- CUNHA, Isabel Ferin. Literacias para a cidadania global. **Comunicação & Educação, São Paulo**, v. 27, n. 2, p. 183–198, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p183-198.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração**. São Paulo: Elefante, 2024.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; CARRIJO, Ana Júlia. **Algoritmos e cultura digital: interlocuções com a pesquisa latino-americana**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 31, n. 1, p. e44941, 2024. DOI: 10.15448/1980-3729.2024.1.44941. Disponível em: <https://bit.ly/4cHzQxX>. Acesso em: 21 fev. 2026.
- ESCUADERO, Camila. El análisis temático como herramienta de investigación en el área de la Comunicación Social: contribuciones y limitaciones. **La trama de la comunicación**, v.24, n.2, p.89-100, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3OvG4ac/>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- FERNANDES, Frederico G. (coord.). **Diretrizes para a ética na pesquisa e a integridade científica: Grupo de Trabalho de Ética em Pesquisa; FCHSSALLA (2022-2023)**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4aOYp9N>. Acesso em: 21 fev. 2026.
- FRANZKE, Aline S.; BECHMANN, Anja; ZIMMER, Michael; ESS, Charles. **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. Association of Internet Researchers (AoIR), 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4rpQtmk>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- FRASTIKOVA, Simona; DEMCISAK, Jan. Effekte der Affekte: das politische Spiel mit dem Gemüt des Rezipienten. **Transfer: Reception studies**, v. 5, p. 223–252, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4aMxlrw>. Acesso em: 22 fev 2026.
- GARLAND, David. Sobre o conceito de pânico moral. **Delictae – Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito**, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, p. 36–78, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/4b44dgp>. Acesso em: 22 fev. 2026.

GARCÍA HÍPOLA, Guillermo; PÉREZ CASTAÑOS, Sergio. Las emociones como estrategia de comunicación en las elecciones europeas de 2019: VOX. **Más Poder Local**, n. 43, p. 20–27, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3ZTpMuf> Acesso em: 22 fev 2026.

HIER, Sean P. Moral panics and digital-media logic: notes on a changing research agenda. **Crime, Media, Culture**, v. 15, n. 2, p. 1–10, 2019. DOI: 10.1177/1741659018786422.

HOMOLAR, Alexandra; LÖFFLMANN, Georg. Populism and the affective politics of humiliation narratives. **Global Studies Quarterly**, v. 1, n. 1, 2021. DOI: 10.1093/isagsq/ksab002.

MALDONADO, Manuel. Las bases afectivas del populismo. **Revista Internacional de Pensamiento Político**, v. 12, n. 12, p. 151–167, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4s1oQig> Acesso em: 21 fev.2026.

MARÍN-ALBALADEJO, Juan A. Polarização discursiva como estratégia de comunicação nas contas do Twitter de líderes políticos e partidos. **Espejo de Monografias de Comunicação Social**,. 51–68, 2023. DOI: 10.52495/c3.emcs.10.p96

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RENSTRÖM, Emma A.; BÄCK, Hanna; CARROLL, Robert. Threats, emotions, and affective polarization. **Political Psychology**, 2023. DOI: 10.1111/pops.12899.

SARESMA, Tuija; TULONEN, Urho. Performing disgust: affective intersections of misogyny, racism, and homophobia in radical-right online discussion. In: RYYNÄNEN, Max; KOSONEN, Heidi; YLÖNEN, Susanne (Eds) **Cultural approaches to disgust and the visceral**. 1. ed. London: Routledge, 2022, p. 74-89. Disponível em: <https://bit.ly/4tiEOV> Acesso em: 21 fev. 2026.

VERSTEEGEN, Luca. **We love, they hate: how radical right partisans use emotion narratives to consolidate affective polarization**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4qObtSE> Acesso em: 22 fev 2026.

WALSH, James P. Social media and moral panics: assessing the effects of technological change on societal reaction. **International Journal of Cultural Studies**, v. 23, n. 6, p. 840–859, 2020. DOI: 10.1177/1367877920912257

WALSH, James P.; HILL, Dallas. Social media, migration and the platformization of moral panic: evidence from Canada. **Convergence**, v. 29, n. 3, p. 690–712, 2023. DOI: 10.1177/13548565221137002.

ZANETTI, Lucas; COGO, Denise; CAMARGO, Júlia. Polarização política, (des)informação e narrativas anti-imigração em plataformas digitais. **R:I - Relações Internacionais**, n. 88, p. 101-114, dez. 2025. DOI: <https://bit.ly/3OU0flz>